ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO VEM DE BERÇO: ANÁLISE DISCURSIVA E SOCIOLÓGICA DE UM ENUNCIADO POPULAR BRASILEIRO

Júlio Brando Messias [1]
Inalda Maria de Oliveira Messias [2]

INTRODUÇÃO

A expressão “educação vem de berço” circula no debate brasileiro como se dispensasse explicação. Presente em conversas cotidianas, discursos escolares e conteúdo de parentalidade, a fórmula condensa ideias sobre origem, família, classe e responsabilidade na formação humana. Este trabalho pergunta como o enunciado produz sentidos, quais memórias sociais convoca e que efeitos pode gerar nas relações entre família e escola. O objetivo é analisar seu funcionamento discursivo e sociológico, considerando tanto a persistência de sentidos ligados à reprodução das desigualdades quanto suas reapropriações contemporâneas.

A hipótese é que não houve simples substituição de um sentido aristocrático por outro afetivo e parental: camadas de significação se sedimentaram. A educação familiar pode ser reconhecida como dimensão importante da socialização, mas a naturalização dessa origem tende a ocultar condições materiais desiguais e a atribuir às famílias ou às crianças responsabilidades que também são institucionais e sociais. A análise articula a tradição materialista do discurso (PÊCHEUX, 1988; ORLANDI, 2009) à sociologia da educação, sobretudo às contribuições de Bourdieu e da pesquisa brasileira sobre família e escola (BOURDIEU, 1989; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017).

METODOLOGIA

Trata-se de ensaio teórico-analítico, de abordagem qualitativa e interpretativa, sem pretensão de constituir corpus exaustivo ou produzir generalizações estatísticas. O

[1] Doutor pela Universidade Federal de Pernambuco – PE, julio.messias@upe.br;
[2] Doutora pela Rede de Nordeste de Biotecnologia – PE, inalda.messias@upe.br.

objeto principal é a sequência “educação vem de berço”, examinada em seus aspectos lexicais, sintáticos, parafrásticos e interdiscursivos. Como materialidades complementares, o artigo de origem considera três registros contemporâneos: divulgação acadêmica, representada por Sayão (2014); conteúdo técnico-midiático de parentalidade, representado por entrevista de Cris Poli (2024); e circulação popular-digital, representada por postagem de Rolon Ho (2023). Esses materiais são tratados como instâncias ilustrativas de registros, não como amostra representativa nem como evidência de frequência ou recepção.

A leitura foi organizada em quatro eixos: marcas linguísticas e efeito de evidência; memória discursiva e relações parafrásticas; modos de funcionamento nos três registros; e contraexemplos que tensionam a hipótese. A interpretação dialoga com a análise do discurso de Pêcheux e Orlandi e com a sociologia da educação. Por ser análise de materiais públicos e ensaio teórico, o estudo não envolveu participantes nem coleta de dados pessoais; suas conclusões permanecem interpretativas e dependentes do recorte adotado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na análise materialista do discurso, nenhum dizer começa no indivíduo que o enuncia: sentidos se apoiam em já-ditos, memórias e formações discursivas. O efeito de evidência faz com que significados historicamente produzidos pareçam naturais; paráfrase e polissemia permitem observar, respectivamente, a repetição de sentidos estabilizados e sua possibilidade de deslocamento (PÊCHEUX, 1988; ORLANDI, 2009). A heterogeneidade enunciativa ajuda a compreender como uma mesma fórmula pode ser adotada, citada com distância ou ressignificada.

A sociologia bourdieusiana mostra como disposições incorporadas na socialização familiar e diferentes formas de capital cultural podem ser reconhecidas pela escola como aptidões individuais, contribuindo para a reprodução simbólica das desigualdades (BOURDIEU, 1989, 1998; BOURDIEU; PASSERON, 2014). Essa perspectiva não autoriza reduzir trajetórias ao destino de origem: Lahire (1997) evidencia configurações familiares heterogêneas; Charlot (2000) enfatiza a relação que cada sujeito constrói com o saber; e Patto (1996) alerta que explicações centradas em supostas

ISSN: 2358-8829

carências familiares podem produzir o fracasso que afirmam apenas constatar. Assim, a família participa da formação, mas não é causa única nem destino fixo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A forma breve e assertiva do enunciado contribui para seu efeito de verdade. O presente do indicativo apresenta a afirmação como geral e atemporal, enquanto "berço" funciona por metonímia: remete ao objeto, à primeira infância, à família e, em certos usos, à origem social. "Educação", por sua vez, oscila entre escolarização, formação moral e civilidade. Essa amplitude permite que a frase pareça dizer apenas que experiências iniciais importam, ao mesmo tempo que pode insinuar que disposições e comportamentos decorrem naturalmente da família ou da classe de origem. A fórmula se aproxima de outros ditos que associam nascimento a destino, mas comporta deslocamentos e disputas.

A memória do "berço" inclui sentidos de linhagem e distinção social, depois associados à família considerada moralmente virtuosa. Nos discursos atuais de parentalidade, ganha força a ideia de presença afetiva, rotina e cuidado nos primeiros anos. Essa reapropriação pode democratizar o valor atribuído ao cuidado, mas não elimina necessariamente a naturalização: quando desigualdades de tempo, renda, moradia, acesso a serviços e condições de escolarização desaparecem da explicação, a responsabilidade pela formação recai de modo desproporcional sobre famílias e crianças. A sedimentação de sentidos, portanto, é mais adequada que uma narrativa de evolução linear.

Nos registros examinados, a divulgação acadêmica tende a relativizar a fórmula e a mediar saber especializado e senso comum; o conteúdo técnico-midiático pode validá-la ao destacar vínculo, rotina e desenvolvimento; e a postagem popular-digital pode reapropriá-la para separar "educação" de riqueza e afirmar valores como respeito e dignidade. As funções não são estanques: a relativização pode ser apropriada como confirmação, a valorização do cuidado pode converter-se em cobrança individual e a reapropriação democrática pode conservar a ideia de que a família é a origem decisiva. O sentido depende da posição enunciativa e do contexto em que a expressão circula.

Quatro limites impedem tratar essa interpretação como explicação total. O enunciado pode (i) reativar diretamente a distinção de classe em círculos de elite; (ii) funcionar, na escola, como argumento de encerramento que atribui dificuldades ao "berço"; (iii) ser mobilizado em discursos conservadores contra a ampliação do papel

educativo da escola; ou (iv) aparecer ironicamente em usos críticos que denunciam privilégios. Esses contraexemplos confirmam a polissemia e mostram que a fórmula não opera sempre na mesma direção. Sua análise exige observar quem fala, em que situação, para qual interlocutor e com quais efeitos.

A discussão brasileira sobre família e escola ajuda a evitar tanto o determinismo da origem quanto a negação das condições sociais. Pesquisas inspiradas em Bourdieu descrevem como recursos familiares e estratégias de escolarização afetam as trajetórias, enquanto Lahire e Charlot destacam variações internas, mediações e a relação singular com o saber. A BNCC (BRASIL, 2018), ao incluir competências socioemocionais, também torna mais porosa a fronteira entre responsabilidades familiares e escolares: reconhecer que a escola participa da formação integral não significa desconsiderar os vínculos familiares, mas impede que a educação seja reduzida a uma herança doméstica. A experiência do ensino remoto durante a pandemia tornou visíveis as desigualdades de suporte e acesso, sem autorizar atribuí-las a déficits morais das famílias.

Em síntese, os resultados apontam um núcleo persistente de naturalização, recoberto por usos contemporâneos diversos. A expressão pode valorizar cuidado e socialização, mas também obscurecer a produção social das desigualdades e alimentar culpabilizações. A escola, por sua vez, não é apenas receptora de disposições formadas em casa, ela participa da mediação do conhecimento e pode reproduzir ou questionar hierarquias. A contribuição do ensaio é tratar o dito popular como arena de disputa, e não como diagnóstico transparente da formação humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise indica que “educação vem de berço” reúne sentidos sobre socialização, afeto e origem social sem abandonar seu efeito de evidência. Em vez de uma troca linear entre significados antigos e novos, há camadas que convivem e são mobilizadas conforme os contextos. A fórmula pode reconhecer a importância das experiências iniciais, mas torna-se problemática quando transforma condições históricas e desiguais em atributos naturais ou encerra a discussão sobre o papel da escola e das políticas educacionais.

Como ensaio interpretativo, o estudo não permite afirmar a frequência desses usos nem seus efeitos sobre públicos específicos. Pesquisas futuras podem ampliar o corpus de discursos parentais e escolares, comparar contextos de circulação e investigar como

famílias, educadores e estudantes interpretam a expressão. Interrogar o senso comum pedagógico não é negar a relevância da família, mas compreender criticamente como sentidos de formação e desigualdade são produzidos e disputados.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (orgs.). Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 71-79.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LAHIRE, Bernard. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. Bourdieu & a educação. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

POLI, Cris. Educação vem de berço. [Entrevista]. Canal Sempre Materna. YouTube, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4Q2MtBlyHTI. Acesso em: 28 abr. 2026.

ROLON HO. Educação vem de berço não tem a ver com dinheiro ou classe social. Facebook, 2023. Disponível em: https://www.facebook.com/OficialRolonHo. Acesso em: 28 abr. 2026.

SAYÃO, Rosely. Educação vem de berço. UDEMO, 2014. Disponível em: http://www.udemo.org.br. Acesso em: 28 abr. 2026.